ESTA LINHA DO HORIZONTE QUE HÁ EM MEU PEITO

*«Viajo agruras sem distância,/ perco-me nos enovelados
círculos/ que me crio,/embaraçam-se-me os pés/ nas lamas
raízes ocultas./ Arranco estrelas dos cabelos,/ anémonas do
peito,/ gladiolos do caminho./ Viajo na curvatura do negrume,
/os olhos cegos de medonhas névoas,/ nocturno e desgrenhado,
/ tortos os dedos de empurrar o sonho.»*

Rui Knopfli

Poeta de Inhambane, Guita Jr. reúne em *Os Aromas Essenciais* os seus dois últimos livros de poemas, *Da Vontade de Partir* e *Rescaldo*, que ritmam a escrita que faz o balanço de um tempo pós-guerra. Os quatro elementos, terra, água, ar e fogo, que organizam o primeiro conjunto de textos, encenam a desarmonia de um espaço pessoal e colectivo em que o sujeito se desencontra entre ficar e partir — *«em cada relâmpago na noite incendiado/ ter o caminho talvez para o norte// quem sabe para a morte»* — e em que o mar desempenha esse fascínio do imparável longe, em pregnância do olhar que se perde, na distância peregrina, na procura da memória e da lonjura onde *«a paisagem infinita a perder-se no finito da íris»*.

O *Rescaldo*, organizado em trinta poemas, escande, em ritmo dual, as interrogações sobre um

presente que assenta na destruição, na morte, na violência: «*canto a ode dos infaustos na lira quebrada/ a raiva dos sobreviventes a saudade vã [...]*» e convoca de diferentes maneiras a memória da guerra civil, do medo, da perda limite de todos os sonhos: «*esta é a canção dos mares sussurrada ao relento/ lenta a lua a esvoaçar a paisagem negra obscura/ haverá sempre um grito nas trevas depois o silêncio/ o negrume tinge por dentro a ânsia de todos os medos// os soldados voltarão?/ o que voltará deles?*». Há nos poemas de *Rescaldo* uma emoção sombria, por vezes próxima de uma alucinada loucura das imagens, que se entrevê no descrédito e na descrença da mudança dos destinos da terra: «*há no ar ainda os morcegos da última noite/ o medo — sombra negra — assombra o presente/ desta gente mudam-se os tempos — apenas os tempos*».

O desejo de partir e a reflexão deste movimento interior geram-se neste entrecocar da perda e da morte: «*faltam-te as essências antigas os aromas essenciais*». Partir torna-se um desejo sem medida e um apelo a si, à coragem e ao desprendimento, uma quase necessidade vital. Viagem sem rumo, apenas o movimento do estar a partir, a cumprir o chamamento da alma e do desencanto. Quase uma forma de exílio ou de desconhecimento de si, imparável vontade de partir para «*a linha do horizonte que há em meu peito*». Este desnorte a sul perfila-se numa abertura ao Índico e ao índigo profundo do mar, teia, enredamento, remoinho, movimento fora do tempo, desbussolado: «*sentir então a maresia/ de oeste do norte de este do*

sul/ entranhar-se-me/ espiral corpo abaixo/ ponteiros de relógio rodopiando/ freneticamente desenfreados// sem mácula saborear isso».

Partir é difícil. Como Orfeu, o poeta quer partir no seu canto, desencanto ou delírio, procura sem rumo e sem destino, mas sem olhar para trás, para não se prender à visão da amada, aos laços da terra: *«onde a sombra que me persegue permaneça/ sob a planta dos pés/ que me transportam/ onde o perfume teu na memória minha/ não me espicace a vontade de me voltar»; «sim// sem ter que olhar para trás».*

Isto porque a cidade do poeta, onde também nasceu Rui Knopfli, Inhambane, faz parte integrante de si, e faz ainda fronteira contínua com esse mar, casulo ilhado, em tempo de guerra e, também, em sua memória de hibridação cultural: *«esta minha cidade bela e ancorada ao tempo/ carcomida até ao âmago e resignadamente/ presa ao seu desterro sorri para não chorar/ tem o céu aberto até à alma e uma vontade/ recalcada: que a morte seja órfã de si mesma».*

Guita evoca a sua terra, tal como Knopfli o fez no roteiro de uma outra ilha, mais a norte, e convoca a sua inscrição neste espaço-umbigo poético: *«os mistérios os segredos as cicatrizes milenares/ nas paredes de pedra e cal da minha velha cidade/ ocultam tristezas e alegrias vãs vidas inteiras/ parte de mim habita cada uma destas portas cerradas».*

A vontade de partir afirma-se pelo desejo, cresce nele, como a serpente se enrosca e desafia, dá-lhe forma e movimento, faz-se sua audácia, seu barco e

transporte: *«sem amainar a dor e na pele o ardor/ sem desmistificar a noite que acalenta o luar da alma/ sem acariciar a serpente que se passeia/ nestas mãos, sem// e partir// e embarcar sim e explodir».*

Tal partida é também a da escrita, de um tempo matricial, da infância, da casa, dos sonhos da alma, que esta nova pele deseja largar, para porventura crescer no seu imparável, agónico e antagónico verso, reverso movimento: *«e sem ter que atracar/ permanecer imóvel/ deleitar imóvel os olhos no rasto de espuma/ que vou deixando para trás/ para trás foram deixados imóveis os versos/ da mais púbere inocência/ algures na cave do passado/ no sótão do tempo».*

A anteceder tal chamamento do mar refirmam-se — em rastreio desta vertente da lírica moçambicana, em demanda de espaço e horizonte, de águas remotas, complementares e alternativas, em revelação — títulos como, por exemplo, *Monção, Inadiável Viagem, Janela para o Oriente, Para fazer um Mar*, em que os nomes dos poetas Luís Carlos Patraquim, Eduardo White e Virgílio de Lemos indiciam uma índica transumância, que se irmana com a terra.

Partir é difícil, exige preparação, cuidado, desvelo — *«pé ante pé quero aproximar-me desse mar/ do oceano que guarda os segredos nossos»*, é por sucessivas tentativas que o poeta o faz e, ao fazê-lo, reflecte sobre a dor que o fere nesse acto, em que a morte é desprendimento e renovação, em que a terra prende, sabre limite e arguta parede: *«é contundente ter a alma por um fio/ a bainha e o sabre entre a parede e o peito».*

Pois que partir é também ficar, partindo-se. Exílio e demora, ritual e encenação. A aurora de todos os inícios descobre-se ritual nessas flores baptismas e mortuárias, que a despedida anuncia no seu começo. Quem sabe, ao não partir se faz a chegada, dentro de si, a um novo, antiquíssimo, pangaio fantasma, cujo encanto e feitiço é partir, sempre, ao ficar, um pangaio, também, da poesia: *«pegar num punhado das primeiras/ flores ainda húmidas do primeiro/ orvalho do dia novo que vai raiar/ e caminhar até onde a terra tem por limite/ o mar/ sentir os pés enterrarem-se/ na areia ainda fria/ acenar à linha do horizonte o adeus/ dois infinitos azuis/ ter que quedar os olhos à terra/ sem lágrimas// e não partir»*.

Ana Mafalda Leite

«(...) Guita Jr. também desvela (...) o clima de corrupção e o sentimento de decepção que envolvem o país. Seu lirismo é cortante em suas acusações e agudo no tecer de metáforas dissonantes. Revendo “o antes e o depois” da paz assinada em 1992, o sujeito lírico confessa uma terrível descrença nos homens, nas emoções e nos anseios de todos: “de que nos serve falar de amor/ quando apenas nos submetemos/ ou a um mundo turvo e desleal/ ou a uma religiosa digestão de preconceitos ?” Desiludido até com a própria profissão de fé de manter o acurado artefato da

linguagem ensinado por Knopfli, se questiona: “valerá ainda a razão eterna de existir acocorado/ prevalecerá a certeza dos fantasmas castrados/ ou o doce ardor de ter que ter uma morte incerta?”»

Prof. Carmen Lucia Tindó Ribeiro Secco,
in “Sonhos, Paisagens e Memórias na Poesia
Moçambicana Contemporânea”

TERRA

É subtil o orvalho a arrepiar a pele
de braços cruzados a vontade vai escasseando
invento névoa no lugar de ardor a trespassar
o deserto do olhar já cansado resignado até
sitiada a vontade de tudo é um quase nada

as rochas também se desgastam
a alma mesmo que de aço cede
às intempéries mais finitas de sempre
depomos flores nos ideais que nos foram
moldando – fundações, andaimes e vazios

mas a cada instante a cada agora
há as crianças as mais perfeitas cobaias
para o festim da macroeconomia
para o banquete das estatísticas de papel
que nos gerem amordaçam enclausuram

e adultos na sua eterna infância vagueiam
à procura da terra e templo prometidos à luz
do luar ainda que seja dia aguardando
o próximo cometa ou peste ou tempestade
vítima ou vitória a última dor o último amor

é contundente ter a alma por um fio
a bainha e o sabre entre a parede e o peito
deixem-me tragar da lava do tempo que adeja
ainda e vomitar o quanto possa desta angústia
de permanecer imóvel dentre os destroços em brasa

e sem delito mijo no pecado de ter que existir
em flagrante escarro nos convénios de vós
senhores cago-me nas calças sem ordem
expressa e por hoje não te beijo amor
há muito sarro e sarcasmo contidos nas alegrias

com que me vou descontentando e assim
vou ficando por aqui perco ainda a jangada
sei há-de um dia ter que tornar a voltar
vou abeirando-me da esquina de ter por perto
a solidão repleta de mim agora plenamente vazio

ÍNDICE

- 5 *Esta Linha do Horizonte Que Há Em Meu Peito*
Prefácio de Ana Mafalda Leite

DA VONTADE E DE PARTIR

- 13 PARTE 1
DA VONTADE

15 Terra

17 Água

18 Ar

19 Fogo

- 21 PARTE 2
DE PARTIR

RESCALDO

41 um

42 dois

43 três

44 quatro

45 cinco

46 seis

47 sete

48 oito

49	nove
50	dez
51	onze
52	doze
53	treze
54	catorze
55	quinze
56	dezasseis
57	dezassete
58	dezoito
59	dezanove
60	vinte
61	vinte e um
62	vinte e dois
63	vinte e três
64	vinte e quatro
65	vinte e cinco
66	vinte e seis
67	vinte e sete
68	vinte e oito
69	vinte e nove
70	último
71	<i>caro guita</i> Posfácio de Ondjaki